



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO PEDAGOGIA**

HUANNY KÉSSIA DUARTE DA SILVA

**E AGORA, O QUE FAÇO?: O professor e a expressão da sexualidade dos
alunos em sala de aula.**

**GUARABIRA – PB
2016**

HUANNY KÉSSIA DURTE DA SILVA

E AGORA, O QUE FAÇO?: O professor e a expressão da sexualidade dos alunos em sala de aula.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Esp. Rônia Galdino da Costa.

**GUARABIRA – PB
2016**

S586a Silva, Huanny Késsia Duarte da

E agora, o que faço? O professor e a expressão da sexualidade dos alunos em sala de aula. / Huanny Késsia Duarte da Silva - Guarabira: UEPB, 2016.

19 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Profa. Esp.. Rônia Galdino da Costa”.

1. Sexualidade. 2. Educador. 3. Aluno. I. Título.

22.ed. CDD 372.372

HUANNY KÉSSIA DUARTE DA SILVA

E AGORA, O QUE FAÇO?: O professor e a expressão da sexualidade dos alunos em sala de aula.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 19/05/2016

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Esp. Rônia Galdino Da Costa / UEPB
Orientadora


Prof. Ms. José Otávio da Silva / UEPB
Examinador


Prof.ª Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira / UEPB
Examinadora

GUARABIRA

2016

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	04
2. SEXUALIDADE DO PROFESSOR E SUA FORMAÇÃO	06
2.1 A formação acadêmica	08
3. SEXUALIDADE NA PRÉ - ADOLESCÊNCIA	11
3.1 Características do comportamento sexual	12
3.1.1 <i>Adolescência precoce</i>	12
3.1.2 <i>Adolescência média</i>	12
3.1.3 <i>Adolescência tardia</i>	13
3.2 Construção da identidade	13
4. RELAÇÃO DOS PROFESSORES COM A EXPRESSÃO DA SEXUALIDADE DOS ALUNOS	14
5. CONCLUSÃO	18
6. REFERÊNCIAS	19

E AGORA, O QUE FAÇO?: O professor e a expressão da sexualidade dos alunos em sala de aula.

SILVA, Huanny Késsia Duarte¹

RESUMO

As expressões sexuais dos pré-adolescentes podem causar certo desconforto aos professores, uma vez que muitos deles não se consideram aptos, já que os mesmos tem pouco conhecimento na área da sexualidade ou até mesmo demonstram limitações pessoais para fazer uma intervenção assertiva diante destas situações. Uma intervenção adequada seria fundamental para a formação dos pré-adolescentes, se ela não ocorre pode-se deixar a desejar as metas pedagógicas diante desses alunos. Esse trabalho vai realizar uma discursão acerca das expressões da sexualidade dos alunos em sala de aula, partindo de algumas leituras realizadas como Lourenço; Queiroz (2010), Brasil (2008), Nunes (2012), Sayão (1997), Furlani; Lisboa (2004), para conhecer e entender melhor sobre o tema da sexualidade na educação. Esse artigo tem como objetivo sugerir uma reflexão acerca da formação sexual e acadêmica do professor e sua influência na sexualidade dos pré-adolescentes em sala de aula. Esse trabalho tem como metodologia uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, analítica, entendido como o ato de buscar informações necessárias em livros, revistas e materiais eletrônicos, para desenvolver sua teoria, junto aos autores que estudam e discutem o assunto. Os resultados encontrados nos mostra que o professor no que se diz respeito à sexualidade tem consciência de quanto é importante para os alunos, porém, eles encontram desafios seja pessoais ou profissionais, sendo assim, fica claro o quanto é significativo que o professore receba na sua formação o preparo necessário para se trabalhar a temática, podendo assim realizar um trabalho consciente e livre de preconceitos para os seus alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Educador. Alunos.

1. INTRODUÇÃO

A expressão da sexualidade é algo muito comum para os pré-adolescentes, visto que estão em uma fase de muitas descobertas e as suas manifestações ficam

Huanny késsia Duarte da Silva¹. Graduanda em Pedagogia. Universidade Estadual da Paraíba-UEPB-Campus III. huannykessia@hotmail.com.

bastante nítidas, através de expressões afetivas, toques, beijos e abraços, porém muitos educadores não compreendem ou até mesmo não sabem como se comportar, posto que fica praticamente inexistente na formação acadêmica o tema da sexualidade, e que muitas vezes acabam impondo aos alunos seus próprios valores sociais e familiares. Isto, pode causar aos alunos um sentimento de repressão, que segundo Ferreira (2001, p. 599), repressão é o “ato ou efeito de reprimir-se”, já que se torna mais cômodo para o professor, visto que eles não iriam precisar agir de uma forma mais pedagógica e isso se torna tão natural para o professor que ele não percebe as suas ações negativas na formação do aluno. As expressões sexuais são praticamente inevitáveis de acontecer na escola, uma vez que os alunos vão estar a todo o momento interagindo entre si, como também não podem ao entrar na sala de aula deixar sua sexualidade do lado de fora.

O interesse pelo tema deste artigo partiu de uma experiência vivida em sala de aula com jovens de faixa etária entre 10 e 12 anos de idade, em uma escola do município de Itapororoca-PB, onde foi percebido que as experiências da sexualidade dos alunos provocaram um sentimento de impotência na lida com as questões sexuais dos mesmos. O problema aqui seria: O comportamento do professor diante das expressões da sexualidade dos alunos.

Cabe ressaltar que esse trabalho tem como objetivo, sugerir uma reflexão acerca da formação sexual e acadêmica do professor e sua influência na sexualidade dos pré-adolescentes em sala de aula. E para alcançar tal objetivo foram estabelecidos os seguintes passos: refletir sobre a sexualidade do professor e analisar a formação do professor sobre a educação e sexualidade; discutir sobre sexualidade na pré-adolescência e identificar como se dá a relação dos professores com a expressão da sexualidade dos alunos. Tomando como ponto de partida alguns casos midiáticos citados no livro *corpo, gênero e sexualidade* Furlani; Lisboa (2004), no capítulo três, subsídios á educação sexual a partir de estudos na internet.

Dessa forma, levantamos algumas hipóteses para tentar entender o comportamento do professor, que seria a falta de formação na área sobre o tema e o despreparo pessoal do professor.

No capítulo um, que introduz esta pesquisa a problemática, os objetivos, hipóteses e justificativa. No segundo capítulo, vamos mostrar a discussão acerca da sexualidade do professor e a necessidade da formação docente, referindo-se a

grade curricular destacamos a importância da mesma para se trabalhar com o tema da sexualidade em sala de aula.

No terceiro, iremos abordar sobre a sexualidade na pré-adolescência, e como se dá a construção do corpo e a sexualidade numa perspectiva biopsicossocial. E por fim destacaremos como o professor se relaciona com a expressão da sexualidade dos alunos baseados em casos midiáticos.

O tema desse trabalho é de grande relevância para a pesquisadora, como também para toda comunidade docente, já que serve de grande ajuda na compreensão de como devem entender a sexualidade dos alunos na escola e a importância para os mesmos desenvolverem estratégias metodológicas para trabalhar com a temática e por sua vez, o quanto é primordial o tema da sexualidade na formação de professores, visto que esse não é um tema fácil de ser trabalhado em sala de aula.

2. SEXUALIDADE DO PROFESSOR E SUA FORMAÇÃO.

A sexualidade para alguns professores pode ser considerada um tema muito difícil de ser discutido em sala de aula, já que muitos deles não tiveram a oportunidade de conversar com seus pais sobre esse tema, para algumas famílias ou até podemos dizer que para outra época esse tema era considerado um “pecado”. O fato de ser visto dessa forma, e pela maioria dos pais serem muito conservadores, isso acabou sendo internalizado pelos filhos, e esses filhos, quando tornam-se os professores, acabam considerando que é “pecado” mesmo, porque é a forma pela qual foram criados, sendo assim, os mesmos hoje não conseguem ter essa abertura de conversar com os seus alunos ou com outras pessoas.

Cada uma de nós traz marcas que foram tecidas na trama da vida, em tempos e espaços determinados, as quais foram compondo um corpo que carrega sua historicidade – história que não determina, mas que, provavelmente, fala tanto dos seus limites quanto de suas possibilidades de mudanças. Hoje, somos adultos-professoras, mas já fomos crianças-alunas e, talvez essa criança-escolarizada permaneça latente dentro de nós, hibernando sobre muitas questões que clamam por ser elaboradas. (SCHWENGBER, 2004, p. 74).

Os professores podem considerar relevante que seja trabalhado em sala de aula esse tema, mas a maioria prefere que venha algum palestrante para falar sobre as questões referentes à sexualidade, para que eles não se envolvam com o tema diretamente, já que existe certo constrangimento em falar e trabalhar a sexualidade, ou até mesmo sentem vergonha dos seus alunos, por acharem que os alunos vão fazer gracinhas maliciosas e burburinhos. E isso acaba se tornando um assunto muito delicado para os professores, que não tiveram essa abertura de diálogo dentro da sua própria casa.

Na atualidade, os pais eximem-se da responsabilidade de educar sexualmente os filhos por acreditarem que eles são jovens demais para falar sobre o assunto. Para diversos adultos, a sexualidade é um assunto proibido para crianças e adolescentes de pouca idade e assim evitam discutir com eles os questionamentos relacionados ao tema. (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013, P. 256)

A família e a sociedade considera ainda hoje a sexualidade um tabu, dificultando cada vez mais o diálogo, muitas vezes sustentados por diversos fatores, como a religião, mitos, preconceitos, falta de informações e valores morais. A falta desse diálogo causa insegurança, riscos, despreparo, entre outros fatores. Muitos pais se esquivam, proíbem que falem sobre a sexualidade, ou muitos deles não sabem como falar com seus filhos sobre o tema, algo que deveria ser tratado com mais naturalidade e responsabilidade entre as famílias, nesse sentido, a grande dificuldade dos professores de trabalhar a sexualidade em sala de aula surge desde a sua formação familiar.

Esse fato demonstra a necessidade dos pais terem acesso a um processo de educação sexual emancipatório para que possam refletir sobre suas crenças, rever seu posicionamento e reformular conceitos equivocados e preconceituosos acerca da sexualidade. Para que os pais possam desvincular a sexualidade de estereótipos e tabus e desta forma oferecer uma boa educação sexual aos filhos é fundamental que revisem suas dificuldades por meio de leituras, reflexões e discussões sobre o tema. (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013, P. 257)

Faz-se necessário que os pais discutam a sexualidade dos seus filhos principalmente na adolescência, fase em que eles têm mais dúvidas, construindo com eles um vínculo de confiança para que eles não se sintam sozinhos e perdidos, o que ajuda na compreensão e na vivências de seus conflitos, já que é na família

que aprendemos a ser seguros. Os pais devem discutir cada vez mais cedo a sexualidade, pois é um assunto que pode gerar conflitos, sendo assim, discuti-lo leva ao adolescente confiança nessa fase e principalmente causa bons resultados na fase adulta, tornando-o mais saudável e bem mais esclarecido em relação as suas dúvidas.

Por sua vez, o mais importante é pensar que o papel do professor hoje, é falar abertamente com seus alunos sobre a sexualidade, independente da área que ele atua, e que levem em consideração que os seus alunos podem ter uma sexualidade mais saudável influenciando assim toda uma sociedade e que principalmente não se preocupem com os tabus, mitos e preconceitos, o que é de fato fundamental é que o professor seja um bom educador sexual, e deixem um pouco de lado seus valores, e suas frustrações familiares e levem em consideração que o mais importante no momento é levar aos seus alunos o conhecimento adequado sobre a sexualidade.

2.1 A formação acadêmica

A formação acadêmica do professor ainda se encontra muito precária sobre o tema da sexualidade, ou porque não dizer, praticamente inexistente. O professor ao se deparar com a realidade de uma sala de aula onde os alunos estão na fase da pré-adolescência descobrindo o seu próprio corpo, e o do outro, suas expressões sexuais ficam bem nítidas, portanto, os professores precisam entender e estudar isso na academia, sendo assim, é necessária, uma mudança na construção da formação desses profissionais, a sexualidade na formação acadêmica deve ser tratada de uma forma mais ampla, abrangendo as questões sociais, pessoais e biológicas.

Se o professor não estiver preparado para trabalhar tal tema por falta de uma melhor formação acadêmica, tal efeito vai repercutir na formação do aluno.

O componente curricular sobre a sexualidade deve ser algo levado mais a sério, tanto pela academia, como também por parte do professor, já que esse profissional precisa formar cidadãos, e a formação humana também estar ligada diretamente à sexualidade, portanto esse é um assunto que deve ser discutido em sala de aula, e os professores precisam se preparar para tal, a formação continuada

é muito importante para o professor, mas a academia não pode se opor a isso, essa formação em primeiro caso deve surgir nela.

A escola precisa ter professores capacitados para trabalhar com os alunos, e é um lugar de discussões, onde podemos trabalhar o assunto em uma perspectiva mais científica, proporcionando aos alunos uma aprendizagem significativa, para que eles tenham conhecimentos reais.

Se a sexualidade ou as expressões sexuais dos alunos forem ignoradas, eles irão buscar outra forma de conhecer e entender o que está acontecendo com seu corpo, podendo até encontrar respostas erradas. Nesse sentido, Nunes (2012, p. 14), afirma que “a escola deve transmitir o conhecimento científico, sem ser um espaço de repressão quando falar sobre sexualidade”.

A abordagem sobre a sexualidade não é algo fácil para o professor, pois requer estudo e preparo emocional, já que, não envolve só o profissional da educação, mas, também o pessoal, que tem os seus valores morais e éticos que determina o seu comportamento, a sua cultura, e a sociedade em que estar inserida, mas não temos como não falar da sexualidade para os alunos, pois é algo que ajuda na construção dos nossos comportamentos e atitudes. De acordo com Nunes, (2012, p. 15) “não há como não falar sobre educação sexual e gênero, desde o nosso nascimento ela está presente em nossas vidas, classificando o que somos e que podemos fazer, determinando comportamentos e atitudes”.

A sexualidade não é considerada prioridade na formação de professores, com isso os professores não estão recebendo uma formação adequada para que ocorra um bom desempenho na temática da educação sexual nas escolas, por outro lado, as escolas também não consideram importante na educação escolar, sendo assim, essa pratica se torna cada vez mais distante das escolas brasileiras.

Podemos destacar que é de grande importância que o professor tenha uma formação continuada, já que, se torna uma necessidade, uma vez que a sua formação na academia deixa algumas lacunas, e para que assim possam construir conhecimento e não só dar algumas informações desconectadas e descontextualizadas sobre a sexualidade.

A formação continuada faz parte de um processo contínuo pelo qual o professor vai repensar sua prática pedagógica, possibilitando ao professor o

aperfeiçoamento da mesma, que está ligada diretamente com as suas vivências em sala de aula.

O conceito de formação continuada para Figueiró (1998, p. 5);

Formação continuada, em seu sentido escrito, pelo qual este trabalho se norteia. Formação continuada refere-se às propostas ou ações, tais como cursos, estudos e reflexões voltadas, em primeira instância, para aprimorar a prática profissional do professor. Diz respeito a todas as formas deliberadas e organizadas para este fim.

É por sua vez, um tema muito frequente nas salas de aula hoje. A sexualidade vem trazendo muita dificuldade e desafios para os professores, posto que eles precisam de um conhecimento teórico e prático, para responder e resolver as eventuais perguntas dos alunos, e se não tiver uma leitura e uma formação contínua, acaba não tendo um entendimento sobre a sexualidade, gerando um sentimento de incapacidade diante de seus alunos, dessa forma, muitos dos professores procuram a formação continuada.

A formação continuada pode acarretar grandes transformações e desenvolvimento tanto pessoal, como profissional, visto que a formação continuada vai trabalhar diretamente com a prática docente, os professores já estão em sala de aula, por sua vez já sabem da sua real necessidade, por outro lado na formação acadêmica o professor trabalha a questão da sexualidade de uma forma geral, podemos dizer desconectadas da realidade, nesse sentido a formação continuada é trazia resultados mais significativos para o processo de aprendizagem.

Durante a formação inicial, o exercício da auto-reflexão, ou mais propriamente, da reflexão sobre a prática pedagógica, fica limitado. É após estar inserido na prática profissional, deparando-se com possibilidades e limites seus, dos seus alunos e do contexto educacional como um todo (em nível micro e macro institucional), que os professores poderão exercitar a reflexão. (FIGUEIRÓ, 1998, P. 4).

Vale ressaltar que a UEPB é pioneira em implantar a disciplina educação e sexualidade e a de educação e corporeidade na grade curricular do curso de

pedagogia, no último semestre do curso, enriquecendo a aprendizagem dessa temática na formação dos profissionais da educação.

3. SEXUALIDADE NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA

A sexualidade é algo que está presente na vida humana desde os primeiros momentos da vida, vem desde o processo de gestação até a fase adulta. A identidade sexual se consolida na adolescência, mas as crianças já trazem ao mundo zonas erógenas inclusive de 0 – 2 anos bem expressas na amamentação cujo prazer é na boca do bebê e vai até a puberdade, onde ocorre uma intensificação destas sensações.

Na puberdade acontece o desenvolvimento físico e hormonal, representando o início da capacidade de reprodução, ou seja, o processo que leva a concretização do ato sexual.

A puberdade não é, portanto, sinônimo de adolescência, mas uma parte dela. Constitui-se por um período relativamente curto, de cerca de dois a quatro anos de duração, no qual ocorrem todas as modificações físicas desse momento de transição da infância para a idade adulta. Começa a surgir um aumento do desejo sexual, por causa das alterações hormonais nessa fase da vida do adolescente, (LOURENÇO; QUEIROZ, 2010, p. 70).

A puberdade é caracterizada por crescimento esquelético; formação e composição corporal; Desenvolvimento dos órgãos e sistemas; Desenvolvimento das gônadas.

O crescimento esquelético, nessa fase o adolescente realiza uma mudança de sua estrutura óssea, é denominado de estirão puberal, e esse crescimento não é uniforme, inicia-se pelas mãos e pés, seguido de pernas e membros superiores. A formação e composição corporal, de acordo com, Lourenço; Queiroz (2010) se torna nítido nessa fase nas meninas o depósito de gordura que ocorre principalmente nas mamas e nos quadris e nos meninos o crescimento dos ombros.

Desenvolvimento dos órgãos e sistemas, praticamente todos os órgão e sistemas estão desenvolvidos na puberdade, principalmente o cardiocirculatório e respiratório. Desenvolvimento das gônadas, segundo, Lourenço; Queiroz, (2010, p.

73), “é marcante nesse período e culmina com o desenvolvimento da capacidade reprodutiva completa do adolescente”.

3.1 Características do comportamento sexual

O comportamento sexual do indivíduo depende da etapa do desenvolvimento que ele está e o contexto familiar e social em que ele vive, uma vez que isso vai influenciar na sexualidade dele, já que sabemos que a sexualidade não está apenas relacionada ao ato sexual e sim, a tudo em sua volta, ou seja, a sexualidade vai desde a forma que se porta no convívio social e às suas opções sexuais.

De acordo com Brasil, (2008, p. 209), acerca das etapas do desenvolvimento observam-se as seguintes características do comportamento sexual na adolescência:

3.1.1 Adolescência precoce (10 aos 14 anos)

Nessa fase tem grandes transformações biológicas, e o comportamento sexual depende das mudanças físicas. Os adolescentes tendem a ficar se comparando um com os outros, e alguns vão se desenvolver mais rápido que outros, e os que ainda não se desenvolveram vão se sentir inferiores. As mudanças do corpo são muito rápidas, e os adolescentes não conseguem assimilar essas mudanças. E os sintomas hipocondríacos e psicossomáticos são bem frequentes nessa fase, como: bulimia, anorexia, cefaleias, alergias, depressão, etc.

Vale ressaltar que esse trabalho vai se atentar a adolescência precoce.

3.1.2 Adolescência média (15 aos 16 anos)

Nessa fase geralmente se inicia os relacionamentos amorosos (namoros), há uma aceitação maior das transformações físicas. As meninas tendem a usar roupas curtas que expõem seu corpo. As carícias no namoro são mais decorrentes até culminar na relação sexual genital, que geralmente acontece nessa fase.

3.1.3 Adolescência tardia (17 aos 20 anos)

A identidade sexual já se encontra definida, existe uma maior estabilidade afetiva que favorece a busca do objeto amoroso único. O namoro apaixonado é muito frequente e mais duradouro nessa fase. O jovem evolui para independência financeira, uma que, há uma maior maturidade social e psicológica.

3.2 Construções da identidade sexual

Nesse período é comum uma certa “homossexualidade”, onde meninos e meninas acabam se dividindo um pouco, as meninas estão sempre próximas umas das outras, e o mesmo acontece com os meninos, estão sempre fazendo e realizando algo juntos, como atividades e brincadeiras, e as mulheres são muito afetivas entre elas, andam de mãos dadas, se abraçam bastante, sempre e em qualquer lugar querem estar com as amigas.

Durante a adolescência é comum observarmos uma fase de homossexualidade, em que as meninas convivem com suas amigas intimamente, trocando confidências e os meninos buscam parceiros para brincadeiras e vivências. É uma fase de experimentação sexual, que geralmente não influi na identidade sexual adulta futura, (BRASIL, 2008, p. 209).

Brasil (2008), afirma que a teoria psicanalítica, nos mostra que na infância existe uma bissexualidade que vai aos poucos sendo definida por uma identidade sexual seja ela masculina ou feminina, ou seja, começam a definir seu próprio eu sexual.

À medida que vai acontecendo às transformações biológicas do seu corpo e as condutas psicológicas e sociais são aprendidas. A moda unissex mostra como fica bem clara a ambivalência da definição sexual na adolescência. Nos acessórios, como roupas, calçados, bonés e até mesmo no cabelo pode-se ver como os jovens expressam esses conflitos internos da identidade sexual. Por isso é tão comum que na adolescência apareçam períodos de predominar os aspectos femininos nos meninos e aspectos masculinos nas meninas. Algumas meninas tendem a dá

selinhos em suas amigas, andam muito abraçadas, ficam muito tempo juntas, querem dormir com as amigas. A posição heterossexual adulta exige um processo de aprendizagem de ambos os papéis.

4. RELAÇÃO DOS PROFESSORES COM A EXPRESSÃO DA SEXUALIDADE DOS ALUNOS

As expressões sexuais ainda hoje trazem muitas dúvidas em jovens e adultos, principalmente na adolescência, a fase de grandes transformações e descobertas, que por sua vez é representada ou posta de acordo com várias questões, seja ela cultural, política ou social.

Os professores são fundamentais para que ocorra na escola uma abordagem didática da educação sexual, em razão de que existe uma necessidade por parte dos alunos não só informação e conhecimento, como também formação sexual, quando fazemos referencia a formação sexual queremos dizer que, segundo SAYÃO (1997), o trabalho da formação sexual desenvolvido na escola deve se diferenciar do trabalho da família, principalmente na transmissão de valores morais indissociáveis à sexualidade. Se por um lado a família transmite seus valores, a escola por sua vez, tem como obrigação ampliar esses conhecimentos em direção à diversidades de valores existentes na sociedade, para que o aluno possa refletir, e encontrar um ponto de auto-referência, o que possibilitará o desenvolvimento de atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seu. Os educadores precisam permitir que os alunos se sintam á vontade diante de sua presença e para que assim aconteça o diálogo.

A relação professor-aluno é complexa, e no diálogo com os autores consultados nesta pesquisa podemos constatar a dificuldade da maioria dos professores, que mesmo sem perceber ficam incomodados no momento em que precisam dialogar sobre a sexualidade, ou até consideram um assunto muito complicado, mesmo que na vivência em sala de aula eles entendam que se trata de um tema praticamente obrigatório de ser discutido.

Na maioria das vezes os professores agem de acordo com sua experiência pessoal, ou ainda baseados em breves cursos e leituras para tentar informar seus

alunos com tudo que fora aprendido por eles, mesmo que esses conteúdos nem sejam tão bem embasados, devido à algumas variáveis que interferem está relação como: valores pessoais, morais, falta de formação acadêmica e até mesmo por possíveis traumas da infância ou adolescência.

Para ilustrar, relato a resposta de uma professora a uma adolescente de 14 anos, que lhe perguntou o que era uma aborto. “É o assassinato de um filho”, foi a resposta pronta e apaixonada da mestre. Na sua compreensão, essa resposta poderia auxiliar a garota a usar algum método anticoncepcional seguro quando praticasse o sexo. Duplo engano: primeiro, o da crença de que a informação sexual moralizante possa inibir algum tipo de ação, e o segundo, o de creditar à jovem estudante uma conclusão que era ansiada pela professora mas não contida na pergunta da aluna. Qual a resposta correta? Com toda a objetividade possível, o aborto é a interrupção da gravidez (SAYÃO, 1997, p.100).

Partindo desta constatação baseadas no que Furlani; Lisboa (2004), sugeri é que levantaremos algumas contribuições de como o professor poderia estar trabalhando alguns temas em sala de aula.

No que diz respeito à *virgindade* na adolescência, foi percebido que esse tema para o sexo feminino e o masculino, o interesse é diferente, para os meninos este interesse está diretamente ligado a saber se a menina é virgem, e o incômodo por parte deles ao saberem que suas namoradas não são mais virgens. Por outro lado, as meninas colocam as reações corporais, como dores, sangramento, prazer.

Nesse sentido, os autores sugere que a educação sexual, crie uma discussão acerca da desigualdade de gênero, e também pondere sobre a possibilidade da dor, afirmando que está diretamente ligada a preocupação e o receio, podendo levar à contração vaginal.

Quanto a *ejaculação precoce* é apontada para algumas representações culturais associadas, como a ejaculação indesejada, o desconhecimento da sexualidade individual, a grande carga de hormônios e a preocupação e ansiedade, portanto, é importante que a educação sexual diferencie a ejaculação que acontece fora do controle do adolescente, por alguns motivos citados acima, daquela ejaculação presente no homem adulto. O mais importante é recomendar que os rapazes criem o hábito de procurar o médico – Urologista.

A *masturbação* é considerada uma preocupação masculina, já que a sexualidade é construída historicamente, como uma imagem em que “as mulheres não se masturbam”, assim como também “não devem pensar ou gostar de sexo”, sobre a masturbação destacamos: a possibilidade de o autoerotismo levar a perda da virgindade na garota e que só seria considerado comum ocorre isso apenas no casamento. Nesse sentido, o educador sexual pode apresentar novos significados às práticas sexuais, especialmente, quando essas visões contribuem na ampliação das possibilidades sexuais e para o desprendimento pessoal aos modelos rígidos da normatização.

Os professores ao trabalhar a sexualidade na escola precisa compreender que ela faz parte do desenvolvimento humano, sendo assim, os professores devem ver a sexualidade como um construtor social, cultural e político.

A educação sexual deve ser enfrentada pelos professores, eles precisam ressignificar sua dificuldade, falta de conhecimento, incertezas, preconceitos, e se preciso procurar apoio psicológico, para que só assim consigam trabalhar esse tema de forma pedagógica. Segundo, Nunes (2012), diante de inúmeros estudos sobre a sexualidade, dentro das escolas, esse tema ainda é algo desafiador para os profissionais da educação, já que muitos não se sentem preparados para falar do assunto, e outros ao falar do tema repassam preconceitos da sua formação familiar de origem.

Serão apontadas algumas ponderações acerca da importância de ser discutida a sexualidade na escola e como é importante a mediação do professor na expressão dessa sexualidade, Conforme Furlani; Lisboa, (2004, p. 54).

I. crianças e jovens apresentam manifestações de sua sexualidade e não devem ser privados de informações que os possibilitem compreender tais eventos e encarar o seu desenvolvimento de forma tranquila e responsável; II. O trabalho de educação sexual prevê a discussão, não apenas de biologia, mas de temas que envolvam conhecimento das áreas de antropologia, sociologia, psicologia, pedagogia, história, política e ética; III. Numa sociedade plural, a diversidade de valores e crenças é um direito de cada cidadão; IV. As representações sexuais são construções sociais e, muitas vezes, expressam a discriminação e a intolerância. [...]. V. Todas as formas de relacionamento, independente do nível de sentimentos envolvido, devem ter o respeito mútuo com base, evitando-se quaisquer atitudes de coerção ou exploração entre as pessoas; VI. Se a escola busca o desenvolvimento integral dos seres humanos, a discussão e a compreensão da sexualidade devem ocorrer, de modo sistemático e permanente, em todos os seus níveis – não há vivência da cidadania

plena se as manifestações da sexualidade infantil, adolescente e adulta não são consideradas e problematizadas na escola.

Diante do exposto, a relação de professor e alunos quanto as expressões sexuais do aluno deve ser de total interação respeitando cada uma sua particularidade, o professor deve fazer essa abordagem pedagógica e se utilizando de ações educativas reflexiva, para que assim, o aluno se conscientize por meio de sua própria realidade vivenciada, por outro lado, que os professores também possam discutir os problemas ou melhor dizendo as duvidas que ele identificar no aluno, ou seja, os professores não devem esperar que a iniciativa venha sempre do aluno, e que através de sua convivência diária com os mesmos possam perceber as angustias e duvidas dos discentes.

A sexualidade da escola não deve ser vista como qualquer coisa, ela é fundamental, visto que ela pode contribuir muito para o desenvolvimento sexual dos alunos, vai favorecer na sua própria relação sexual, deixando assim o aluno mais preparado para exercer sua sexualidade com mais responsabilidade e segurança, tornando assim mais prazerosa também alterando um contexto social.

Os professores devem estar diretamente ligados à formação da sexualidade do aluno, sendo assim, eles precisa manter uma relação de aprendizado, os professores devem estar atentos observando os alunos para que assim realizem uma boa metodologia pedagógica quanto ao tema da sexualidade, os mesmos não devem apenas observar os atos dos seus alunos e ignorar, ignorar no sentido de não querer dialogar sobre tal ato, deixando assim de exercer sua verdadeira função na sala de aula, já que a identidades dos alunos não estão e nunca estarão prontas, dessa forma, é a função do professor ajudar nesse processo de identidade do seu próprio eu. Conforme Alvarenga; Igna (2004, p. 71), “participamos desse processo de (des) construção das identidades, com o que falamos, ensinamos (com nossa presença) e também com o que silenciamos (por nossa ausência)”.

Nesse sentido a construção da identidade dos alunos é também da responsabilidade do professor, quando realizada alguma intervenção ou até mesmo na ausência da mesma. O processo de aprendizado se dá de toda e qualquer forma seja ela positiva ou negativa para os sujeitos que estão nela envolvida.

5. CONCLUSÃO

A pesquisa nos mostra que a sexualidade para os professores, é visto como um problema por não se sentirem preparados para trabalhar a sexualidade em sala de aula, podemos perceber que a falta de formação é um dos fatores que mais prejudica esse trabalho.

Dessa forma a formação familiar deve ser pioneira nesse processo, partindo deles o hábito da criança de falar e questionar as suas dúvidas e curiosidades, e não as reprimir, por sua vez a formação acadêmica deve criar no profissional da educação segurança e propriedade sobre o tema da sexualidade, deixando claro para o profissional o quanto é importante e como deve ser feita a intervenção pedagógica, para que assim eles não exponham seus valores pessoais, valores esses que muitas vezes vem coberto de 'achismos' ou de preconceitos.

As relações dos professores diante das expressões sexuais dos alunos devem ser vista como dialogais, a repressão a sexualidade deles podem estimular as suas manifestações, a falta de informação pode gerar no aluno a curiosidade, ou até mesmo a falta de responsabilidade por não saberem o que fazer ou não terem conhecimento.

Nesse sentido, podemos dizer que a sexualidade deve ser um tema discutido em ambientes escolares, já que quanto mais falamos sobre o assunto mais conhecimentos adquiriram, os professores assim poderão fazer um bom trabalho para os seus alunos, e os alunos por sua vez, estarão se preparando para melhor exercer sua sexualidade.

Contudo entendemos que a dificuldade do professor em trabalhar a temática da sexualidade está atrelada a sua formação familiar e acadêmica. A formação familiar que muitas vezes recriminam as crianças e as impedem de serem livres, impondo seus preconceitos e valores, muitos pais não receberam da sua família orientações e a liberdade para o diálogo sobre a sexualidade, que por sua vez produzem em seus filhos suas próprias frustrações e a relação do professor com a sexualidade dos alunos dependerá disto.

A formação acadêmica é muito importante para formar um profissional competente, e que muitas vezes se encontra defasado, deixando uma lacuna no

processo de formação do professor em relação ao tema da sexualidade, ou até mesmo não tem em sua grade curricular. A Universidade Estadual da Paraíba – UEPB é pioneira no que se diz respeito a ter em sua grade curricular a disciplina de sexualidade, demonstrando assim seu interesse em formar professores preparados para trabalhar a temática pedagogicamente.

ABSTRACT

Sexual expressions of preteens can cause some discomfort to the teachers, since many of them do not consider themselves fit, since they have little knowledge in the area of sexuality or even demonstrate personal limitations to make an assertive intervention before these situations. Appropriate intervention would be essential for the formation of preteens, if it occurs can not be left to be desired pedagogical goals before these students. This work will hold a increasing discussion about the expressions of sexuality of the students in the classroom, from some reading done as Lawrence; Queiroz (2010), Brazil (2008), Nunes (2012), Sayão (1997), Furlani; Lisbon (2004), to know and understand more about the topic of sexuality education. This article aims to suggest a reflection on the sexual and academic training of teachers and their influence on the sexuality of preteens in the classroom. This work is a bibliographic research methodology, qualitative, analytical, understood as the act of seeking necessary information in books, magazines and electronic materials, to develop his theory, together with the authors who study and discuss the matter. The results shows that the teacher when it comes to sexuality is aware of how important it is for students, but they are challenges to be personal or professional, so it is clear how it is significant that the professors receive in your training preparation required to work the theme, thus being able to carry a conscious work and free from bias to their students

KEYWORDS: Sexuality. Educator. Students.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Luiz Fernando Calage; IGNA, Maria Cláudia Dal. **Corpo e sexualidade na escola:** as possibilidades estão esgotadas?. In: MAYER, Dagma Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. **Corpo, gênero e sexualidade.** Porto Alegre: mediação, 2004. p. 62-72.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Departamento de ações programáticas estratégicas saúde do adolescente:** competência e habilidades. Brasília: editora do ministério da saúde, 2008. Disponível

em:<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_adolescente_competencias_habilidades.pdf>. Acesso em: 12 de abril de 2016.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **A formação de educadores sexuais**. Marília-SP. 1998. Disponível em:<<http://pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/Documentos/MR/MR-CI0163.pdf>>. Acesso em: 21 de abril de 2016.

FURLANI, Jimene; LISBOA, Thais Maes. Subsídios á educação sexual a partir de estudo na internet. In: MAYER, Dagma Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: mediação, 2004. P.41-6.

GONÇALVES R. C.; FALEIRO J. H.; MALAFAIA G. **Educação Sexual no contexto familiar e escolar**: Impasses e desafios. Holos, dez. 2011, ano 29, vol. 5. Disponível em:<<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/784/74>>. Acesso em: 02 de maio de 2016.

LOURENÇO, Benito; QUEIROZ, Lígia Bruni. **Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência**. Ver. Med. São Paulo abr.-jun, 2010. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/viewFile/46276/49930>>. Acesso em: 01 de abril de 2016.

NUNES, Juliana Leandrin. **Oficina de capacitação**: espaços para discussão sobre sexualidade e gênero. Maringá: 2012. Disponível em:<http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos_2012/JULIANA_LEANDRIN.PDF>. Acesso em: 07 de abril de 2016.

SAYÃO, Rosely. Saber o sexo: Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, Júlio G. (ORG.) **sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997, p.97-105.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Júlio G. (ORG.) **sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997, p. 107-117.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. Professora, cadê seu corpo?. In: MAYER, Dagma Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: mediação, 2004. p. 73-79.